



Seção

Temática Livre



Militarismos & pentecostalismos: um estudo sobre oficiais militares membros das Assembleias de Deus no Brasil

*Militarisms & Pentecostalismos:
a study on military officers who are members of the Assemblies of God in Brazil*

Gedeon Freire de Alencar

Docente Colaborador do PPGCR da Faculdade Unida de Vitória (FUV)

Resumo: As Assembleias de Deus-ADs são a maior denominação pentecostal no Brasil, segundo o Censo 2010, com mais de 12 milhões de membros, e o campo religioso pentecostal é majoritariamente formado a partir das classes mais pobres. Existem muitas pesquisas sobre a ascensão social dos pentecostais na mídia, economia, política etc. Essa pesquisa, portanto, pretende quantificar e analisar pessoas com patentes de Oficiais nas Forças Armadas que são membros das ADs. Já realizamos 42 entrevistas, e apenas dois não são pastores, então, essas pessoas no exercício do “poder pastoral” (Foucault) são legitimadas duplamente pelo Estado (no monopólio da violência) e pela igreja (monopólio da violência hierocrática – Weber). Fazer uma etnografia desse tipo ideal (Weber) pastoral-militar com a seguinte questão: os valores assembleianos e os valores militares são compatíveis e incompatíveis?

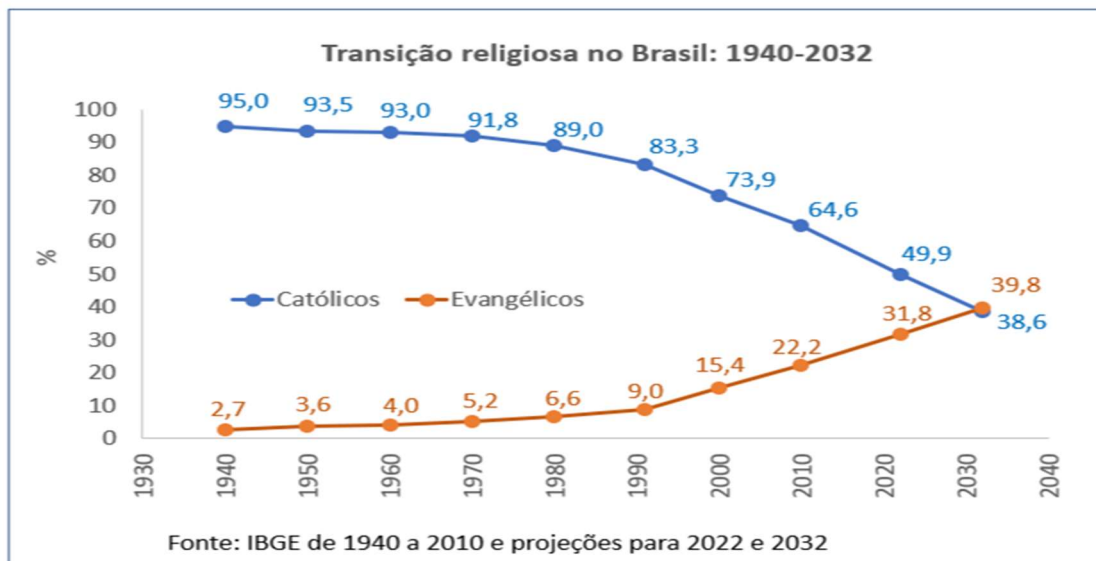
Palavras-Chave: Militares, Assembleias de Deus, poder pastoral, Estado.

Abstract: The Assemblies of God-ADs are the largest Pentecostal denomination in Brazil, according to the 2010 Census, with more than 12 million members, and the Pentecostal religious field is mostly formed from the poorest classes. There is a lot of research on the social rise of Pentecostals in the media, economy, politics, etc. This research, therefore, intends to quantify and analyze people with Officer ranks in the Armed Forces who are members of the ADs. We have already carried out 42 interviews, and only two are not pastors, so these people exercising “pastoral power” (Foucault) are doubly legitimized by the State (in the monopoly of violence) and by the church (monopoly of hierocratic violence – Weber). Carry out an ethnography of this pastoral-military ideal type (Weber) with the following question: are Assemblyian values and military values compatible and incompatible?

Keywords: Military, Assemblies of God, pastoral power, State.

1 Questão central: Assembleias de Deus no Brasil

As *Assembleias de Deus* no Brasil – ADs são a maior denominação evangélica pentecostal no Brasil, com 12.314.410 milhões de membros, e, segundo o WAGF é a maior AD no mundo¹²⁴. No Brasil, perde apenas para a *Igreja Católica Apostólica Romana* – ICAR, e, se fosse um país, seria o 11^o. na América Latina. O *Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística-IBGE*¹²⁵, órgão oficial do país que realiza os Censos demográficos, deu os seguintes resultados: na década de 1999, tinha 2.439.763 milhões de membros, e no Censo de 2000 alcançou 8.418.140 milhões, e, no Censo de 2010, e ultrapassou aos doze milhões. O crescimento percentual, respectivamente, foi de 246% na década de 1990-200, mas de apenas de 46% na década seguinte, mesmo assim, bem superior aos números da membresia das ADs nos EUA próximos aos três milhões¹²⁶. Ainda não temos os dados do Censo 2022, mas as estimativas são de crescimento, pois, o DataFolha estima que os evangélicos no Brasil são na atualidade 31,8%, ou seja 64.980.003 milhões, numa população de 203.062.512 milhões de habitantes. Nesse ritmo de crescimento há inclusive uma estimativa de que ano 2030, os evangélicos chegariam a 39,8% e os católicos 38,6%, acontecendo assim, “a transição religiosa” de uma hegemonia católica secular para uma nova composição do campo religioso. Portanto, teríamos na atualidade no Brasil 64.980.003 milhões de evangélicos, majoritariamente pentecostais.



¹²⁴ WAGF informa que na AL são 27 milhões de membros, creditando as ADs no Brasil o número de 25 milhões de membros, mas não diz de onde tirou essa informação, discrepando, portanto do número oficial dado pelo IBGE - <https://worldagfellowship.org/>.

¹²⁵ <https://www.ibge.gov.br/>

¹²⁶ <https://ag.org/About/Statistics>

Relação Brasil & ADs – décadas de 1980 a 2010.

| | 1910 | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 |
|---------------------|-----------------|---------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| POPULAÇÃO DO BRASIL | 23.414.177 | 119.002.706 | 146.814.061 | 169.870.803 | 190.732.694 |
| CATÓLICOS | - | 105.861.103 89% | 122.365.302 83,3% | 125.517.222 73,7% | 123.280.172 64,6% |
| EVANGÉLICOS | 177.727 1,1% | 7.888.850 6,62 % | 13.157.094 9,0% | 26.452.174 15,6% | 42.275.440 22,1 % |
| PENTECOSTAIS | - | 3.863.507 3,2 % | 8.768.929 6,0% | 17.975.106 10,6% | 25.370.484 13,3 % |
| ADS | 20 | 1.506.258 1,26% | 2.439.770 1,66% | 8.418.140 4,95% | 12.314.410 6,46% |
| SEM RELIGIÃO | | 1.953.096 1,6% | 6.946.077 4,7% | 12.492.189 7,4% | 15.335.510 8,04 % |

Fonte: IBGE Censos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2012. (Jacob, 2003:34)

2 Pentecostalismos no Brasil: CCB e ADs

O pentecostalismo no Brasil surge, oficialmente, em 1910 com o nascimento da *Congregação Crista no Brasil-CCB*, dentro da colônia italiana no Sudeste do país, e se manteve por décadas uma igreja étnica, é a segunda maior denominação pentecostal no Brasil, com 2.289.634 milhões de membros (Censo 2010). As ADs nascem no Norte do país, com fruto do trabalho de missionários suecos, vindos dos EUA, desde o início com membresia e clero nacional, assim, se expandiu rapidamente em função das migrações internas, e, em duas décadas alcançou o país inteiro. Não é uma igreja única, mas um conglomerado de igrejas, Ministérios¹²⁷ e Convenções¹²⁸ locais, estaduais e nacionais, autônomas, distintas, e, quase sempre, em disputas¹²⁹. E, apesar da dimensão continental do país, da expansão rápida, da pouca institucionalização e da autonomia das lideranças iniciais manteve o nome original, mas com conotações e especificidades de locais e tempos, marcadas por diversos tipos de “*assembleianismos urbano, rural, difuso e autônomo*” (Alencar, 2018).

Pentecostalismos no Brasil são religiões das classes mais pobres, são o “cinturão urbano” das metrópoles. Mas nos últimos anos com o crescimento do país e melhoras dos índices sociais na sociedade brasileira, os pentecostais, ou mais especificamente, os assembleianos também tiveram ascensão social; hoje existe uma elite pentecostal na política¹³⁰, na produção fonográfica e artes em geral (Cunha, 2007), no campo jurídico, se constituindo até mesmo uma “Dinastias Familiares” (Correa, 2018). Essa

¹²⁷ *Ministérios* são uma especificidade das ADs no Brasil. Tem uma igreja-sede e essa funda, sustenta, coordena as congregações/igrejas locais; na igreja-sede fica o pastor presidente (outra especificidade das ADs no Brasil) que tem domínio absoluto e vitalício sobre a toda a estrutura eclesial das demais igrejas. Invariavelmente o nome do Ministério é o nome da localidade – cidade ou bairro – da igreja sede. Portanto, no Brasil, as ADs são episcopais.

¹²⁸ No Brasil, teoricamente, existem três grandes nacionais, A mais antiga é a *Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil-CGADB*, e, como as demais, apesar de ser “convenção de igrejas”, as igrejas não têm nenhuma representativa ou poder decisão, pois, elas são formadas exclusivamente por pastores. Existem muitas outras Convenções regionais com a abrangência nacional e internacional.

¹²⁹ “*Onde a luta se travar*” é uma tese de doutorado em História, realizada por Maxwell Fajardo (2018), do “esgarçamento ministerial” das ADs.

¹³⁰ Há uma imensa bibliografia sobre políticos evangélicos no Brasil atual, pois, esse é fenômeno que, segundo alguns, tem alterado inclusive os resultados das eleições, e não somente no Brasil, mas também na AL. (Pierucci, 1992; Guadalupe, 2018; Anéas, 2023).

pesquisa, portanto, pretende identificar, analisar e etnografar a “elite militar nas ADs”, pois, em décadas anteriores devido ao seu pertencimento nas classes sociais mais baixas, nas ADs, existiam apenas “praças”, diferentes das denominações reformadas, como a Luterana e Presbiteriana que já teve oficiais e tem no momento oficiais no topo de pirâmide militar¹³¹.

3 As Forças Armadas no Brasil e o pertencimento religioso

No Brasil são apenas 348.352 militares para uma população de mais de 200 milhões de habitantes, ou seja, menos de 1% da população, mas apesar da insignificância numérica, os militares têm – ou sempre tiveram – importância central no país. Os militares lideraram o fim do Império Português e assumiram o poder na República em 1888, e, como foi recorrente na AL, os golpes sempre foram realizados por eles ou estando os mesmos na liderança, como na Ditadura Militar 1964-1988. Serbin (2001), historiador americano, na análise que faz da Comissão que reuniu a elite católica e militar no final da Ditadura, diz que a motivação dos mesmos era que eles – Militares e Igreja Católica – se sentiam representar a fundamentação moral da nação, por isso precisam de um acordo.

As três Forças - Aeronáutica, Exército e Marinha, são comandadas pelo Ministério da Defesa¹³², e ambas realizam um Censo Religioso, conquanto, os dados não refletem a totalidade do contingente, pois, é uma atividade voluntária, então, alguns não o fazem, ademais são feitos de forma distintas, dificultando a comparação, mesmo assim tem dados significativos.

4 Os Censos Militares

| Quantitativo de militares em 2019 | | | | |
|-----------------------------------|---------------|----------------|---------------|----------------|
| Classificação | MARINHA | EXÉRCITO | AERONAUTICA | TOTAL |
| Oficiais | 11.444 | 28.530 | 11.375 | 51.349 |
| Praças | 62.426 | 181.673 | 52.904 | 297.003 |
| Cabos | 14.551 | 26.512 | 4.467 | 45.530 |
| Marinheiros/ soldados | 17.207 | 108.832 | 22.481 | 148.520 |
| TOTAL | 73.870 | 210.203 | 64.279 | 348.352 |

Fonte: Ministério da Defesa: estatísticas pessoais. Livro Branco de Defesa Nacional – Brasil 2020¹³³

Então, temos 348.352 militares no total, e, desses 51.349 são oficiais, ou seja 14,7%. Quantos desses são evangélicos, ou mais especificamente, quantos desses são assembleianos?

¹³¹ O 29º. Presidente da República no Brasil, General Ernesto Geisel (1907-1996), era luterano, e o General Luiz Eduardo Ramos, batista, foi ministro no Governo passado, e, na Ditadura Militar, tiveram atuação central gerais que eram presbiterianos.

¹³² <https://www.gov.br/defesa/pt-br>

¹³³ https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/livro_branco_congresso_nacional.pdf acesso 03/07/2023

5 Por que analisar o campo assembleiano? Entrevistas

A pesquisa se iniciou fazendo entrevistas com essas pessoas: oficiais das Forças Armadas que são membros das ADs – no momento já realizamos 42 entrevistas¹³⁴. Essa etnografia tem a seguinte pergunta: *os valores pentecostais assembleianos e os valores militares são compatíveis ou incompatíveis? O ethos assembleiano é igual ao ethos militar ou em alguns momentos eles podem – e devem – ser divergentes?* Nas entrevistas surgiram as questões: fardamento, capelania, evangelização/ecumenismo, culto à bandeira, guerra, gênero, música e participação dos assembleianos nas atividades sociais da chamada “família militar” (Castro, 2021), além das duas questões fulcrais - *hierárquica e disciplina-*, pois, sem esse binômio não existem Forças Armadas e as ADs.

Uma patente militar tem suas especificidades de espaço de atuação, fardamento, patentes, mas agem com um único comando e objetivo, portanto, um oficial católico, luterano, espírita, afro, sem religião, evangélico ou assembleiano exerce sua “missão” da mesma forma que qualquer outro? Em tese, sim. E, se há uma convergência fundante na doutrina militar e assembleiana, algo que foi amplamente repetido e aprovado nas entrevistas, há também algumas “divergências doutrinárias” que alguns criticam e abominam, mas outros relativizam, ignoram ou negam.

Algo que não seria nenhum problema para um oficial e/ou músico, de qualquer outra expressão religiosa, como por exemplo, participar de “festas mundanas” (festas juninas, bailes de formatura, carnaval, recepções, churrasco do quartel com futebol e cerveja), praticar esportes; militares-músicos tocar em celebrações maçônicas, espíritas, festas dos padroeiros ou bailes dos quartéis é, “doutrinariamente”, um grave problema para um assembleiano (ou ainda mais grave para uma assembleiana...). Um *militar praça* não tem nenhuma opção de participar ou não participar, mas no caso dos *oficiais* é algo mais complexo, pois, alguns não apenas precisam participar, mas estão no comando dessas atividades. E as respostas foram diatralmente opostas: alguns entendem como absolutamente obvio participar, pois é apenas uma etapa da vida militar, mas outros as consideram errado, abominação, pecado.

Acrescente-se as peculiaridades assembleianas brasileiras: as disputas do “esgarçamento ministerial” (Fajardo, 2018) complica ainda mais a atuação e pertencimento dos militares assembleianos vida militar, algo que não tem nenhuma importância para um militar de outro campo religioso.

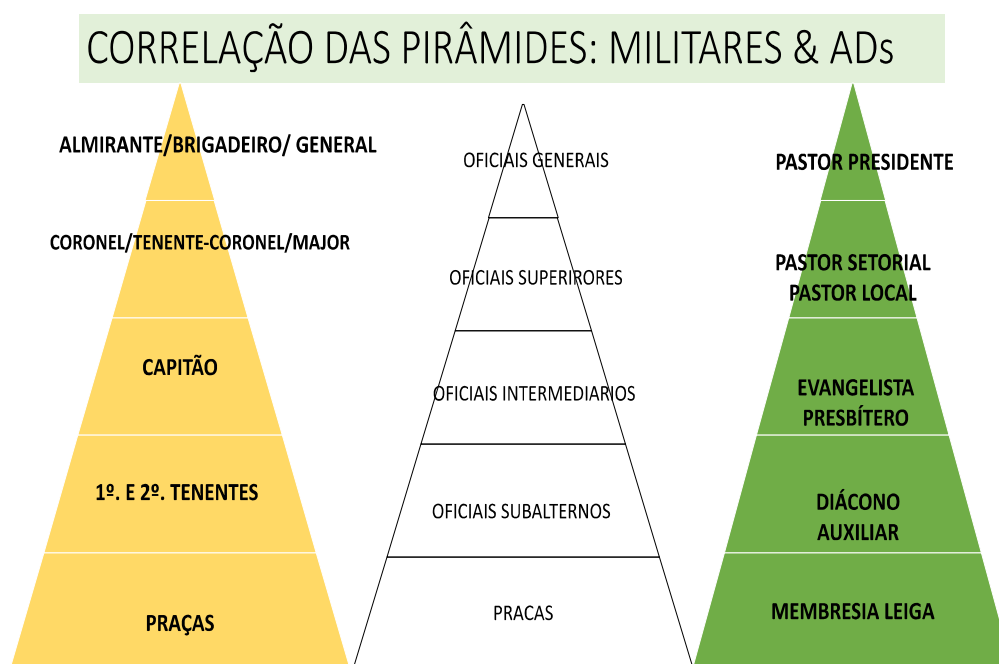
¹³⁴ Já foram contactadas mais de cem pessoas via telefone, e-mail, sites, Instagram e LinkedIn, mas as respostas têm sido muito diversas. Desde a exigência de consultar o comando (no caso dos militares na ativa; algo diverso dos que estão na reserva), ao questionamento à pessoa do pesquisador: filiação religiosa, objetivo, local de publicação etc.; ou simplesmente ignorar o contato.

Censos Religiosos Das Forças Armadas

| | AERONAUTICA Censo de 2023 | EXÉRCITO Censo de 2021 | MARINHA Censo de 2021 | TOTAL |
|-----------------------|------------------------------|------------------------------|--------------------------|----------------------|
| Católicos | 31.685 45,56% | 40.499 43,61% | 31.378 42,4% | 103.572 28,88% |
| Evangélicos | 27.535 38,79% | 22.677 24,42% | 21.248 39,4% | 71.460 19,92% |
| ADs (apenas oficiais) | 3.912 5,62% | 877 | 10.306 | 15.905 |
| Espiritas | 2.509 3,61% | 5.742 6,18% | 2.789 3,8% | 11.031 3,08% |
| Sem religião | 6.643 9,55% | - | 8.612 11,9% | 15.255 4,25% |
| TOTAL | 69.575 | (92.862 – 42,91%) 210.203 | 73.870 | (201.318) 353.648 |

6 O “monopólio da violência” e o “poder pastoral”: dupla legitimação?

Algo muito significativo é que esses oficiais militares são pastores. Afinal, um oficial, no caso, almirante, brigadeiro, general, coronel, major, capitão ou tenente não poderia, numa ADs no Brasil, sem um crente comum. Se no sistema militar ele é oficial, também não igreja ele deve ser um oficial. Aliás, na correlação das pirâmides de poder temos mais uma coincidência na estrutura hierárquica. A ascensão aos cargos acontece no registro obvio de tempo de serviço, tanto no serviço militar como nas ADs, mas o topo da pirâmide é uma posição política. As patentes máximas de almirante, brigadeiro e general são nomeações realizadas pelo Presidente da República, no caso das ADs, pastor presidente são nomeações também políticas e são realizadas por causa da consanguinidade (Correa, 2020), conchavos ou golpes mesmo. E golpes militares e pastores, no Brasil, conhecem bem.



Segundo Weber (1998:34) o *Estado* tem o *monopólio legítimo* da coação física e a igreja tem o *monopólio* da legítima coação hierocrática (grifos no original). Portanto, um pastor-oficial-militar se sente *duplamente legitimado* no exercício de seu poder. A dupla legitimidade do poder pastoral-militar representa uma complexa interseção entre duas esferas de poder que podem ter objetivos e métodos diferentes. Essas “tecnologias de exercício de poder”, portanto, interagem, coexistem e se influenciam mutuamente, pois, segundo Foucault (2023:243) “o pastorado preludia a governabilidade”. O poder pastoral é exercício de “condução da conduta cotidiana, na gestão das vidas” (2023:200).

A análise foucaultiana foi feita prioritariamente ao exercício pastoral católico sacramental e magisterial¹³⁵ - algo, em tese, inexistente no protestantismo - aplicado tanto aos párocos como muito mais expressos nos conceitos de confissão, controle de conduta dos mentores espirituais nos conventos e mosteiros. O protestantismo, no entanto, tanto por causa da teoria do sacerdócio universal dos crentes, como pela cissiparidade institucional e autonomia individual e dos grupos, esse modelo de tecnologia de controle de conduta da vida não tem o mesmo poder, e, como Foucault (2023:200) afirma “Reforma foi muito mais uma *batalha pastoral* de que uma *batalha doutrinal*” (2023:200, grifo meu), ou seja, as diferenças teológicas são ou foram muito menos importantes que as estruturas de exercício pastoral.

7 “*Quem controla os controladores?*” (Correia, 2023:47).

As estruturas eclesiais pentecostais, então, muito menos institucionalizadas, quase anárquicas, ainda mais no Brasil, onde não temos uma AD única e homogênea, e onde toda a membresia pode e deve exercer os mesmos “dons”, onde a possibilidade de ascensão ao exercício do pastoral é muito mais acessível, e o acesso ao divino e ao místico na prática da glossolalia e demais atividades são paritariamente distribuídos, então, ficou bem longe do poder e exercício de bispo católico. Nesse campo religioso marcado por múltiplas cisões, grupos de denominações distintas, convenções rivais, onde as instituições nacionais não têm nenhuma ingerência sobre as igrejas locais, qual a possibilidade de algum pastor ter o controle da conduta dos membros? As ADs são um nome único para centenas ou milhares de grupos distintos dentro dos “assembleianismos” (Alencar, 2018).

O poder pastoral não é exercido apenas nas condutas individuais, mas também nos “bens, nas riquezas e nas coisas, (...) e também à coletividade” (Foucault, 2023:200/2006). Então, esse poder também é aplicado não somente a indivíduos, mas também estruturas. As pesquisas da Marina Correia, então, fazem essa pergunta pertinente: “quem controla os controladores?”, pois, nas ADs existe uma figura central: o pastor presidente. E não é mera coincidência, a grande maioria dos entrevistados dos oficiais militares são pastores-presidentes. Uma figura máxima, vitalícia, acima de tudo e todos, e ele, sim, “controla os controladores”, e mais uma vez, o sistema militar e o sistema assembleiano se imitam, principalmente, nos topos das pirâmides, como já falado, então, enfim, não há uma “batalha doutrina, mas uma batalha pastoral”. Assim

¹³⁵ Na doutrina protestante não existem sacramentos (sinais da graça onde a igreja tem exclusividade da admissão dos mesmos: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio) e também não há a exclusividade da interpretação bíblica pelo Magistério da Igreja, por isso, mesmo as denominações protestantes são múltiplas. COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituição, Decretos e Declarações. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1969

o “espírito militar” (Castro, 2021) se caracteriza fundamentalmente pela defesa da família militar, disciplina, cumprimento de horários, respeito à hierarquia, obediência as regras, rigor no fardamento, na ideia de vocação e missão, na mais absoluta diferenciação entre militar & paisano, tem uma correlação muito parecida com o “espírito assembleiano” na distinção entre vida na igreja & vida no mundo e todos demais itens citados. Inclui a prosaica relação de que um militar não pode ficar no quartel sem sua farda e sem prestar serviço, nas ADs é passível de disciplina” um obreiro sem sua farda – paletó e gravata – e uma das frases corriqueiras dentro da igreja é “soldado quartel está sempre de serviço”. Ou seja, obreiro na igreja é para servir. E, por fim, se militares tem um cumprimento oficial como reforço da hierarquia a “continência”, no campo assembleiano, temos o rito da “A paz do Senhor!”. E em ambos os casos, há esse rito é absoluto e impossível de ser esquecido. E em ambos os casos, se for esquecido, há punição.

Considerações finais

Se com diz Gilberto Velho (Castro, 2021) os “militares são uma das categorias mais citadas e menos conhecidas da sociedade brasileira”, os militares oficiais evangélicos assembleianos são ainda menos conhecidos. No entanto, o “espírito militar” esta absolutamente presente no estilo do exercício do poder pastoral assembleiano. Autorreferenciado com a igual ênfase e crença dogmática na hierarquia e disciplina, e nas igrejas, ou especificamente, nas ADs, com dupla legitimação, pois, afinal nelas foi a uma escolha divina. Então, doutrina militar e doutrina assembleiana podem até ser as duas faces da mesma moeda?

Referências

- ALENCAR, Gedeon Freire – *Matriz Pentecostal Brasileira. Assembleias de Deus – 1911-2011*. São Paulo, Editora Recriar, 2018.
- ANÊAS, André, MERLO, Lucas, GAMA, Rafael (org.) – *Evangélicos & Política*, São Paulo, Ed. Recriar, 2023.
- CANDIOTO, Cesar, SOUZA, Pedro de (org.) *Foucault e o cristianismo.*, Autêntica, Belo Horizonte, 2012
- CASTRO, Celso - *O Espírito Militar. Um antropólogo na caserna*, RJ., Zahar, 2021.
- CORREA, Marina – *Assembleias de Deus. Ministérios, carismas e exercício do poder*. São Paulo, Editora Recriar, 2018
- CORREA, Marina – *Dinastias Assembleianas. Sucessões familiares nas igrejas Assembleias de Deus no Brasil*, Ed. Recriar, 2020, São Paulo.
- CUNHA, Magali – *A Explosão Gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil.*, Ed. Maud, RJ, 2007.
- FAJARDO, Maxwell – *Onde a luta se travar. Uma história das Assembleias de Deus no Brasil*, São Paulo, Editora Recriar, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.



FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população. A vontade de saber*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

GAUDALUPE, José Luis, GRUNDBERGER, Sebastian (eds.) *Evangelicos y poder em America Latina*, Konrad Adenauer Stiftung, Lima, 2018

OLIVEIRA, Cicero J S – *Estado Pastoral e Governo Político dos Homens – Griot – Revista de Filosofia Amargosa – BA*, v.20, n.2, p 75-87, junho, 2020

PIERUCCI, Antônio Flávio. Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa. *Revista USP*, n. 13, p. 144-156, 30 maio 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25620>

SERBIN, Kenneth - *Diálogo na Sombra. Bispos e Militares, tortura e justiça social na Ditadura*, SP, Cia das Letras, 2001

WEBER, Max – *Economia e Sociedade*, Brasília, UNB, 1998.